

Escuta: legado afrodescendente e seus desafios

Ronaldo Só Moutinho

Doutor em Ciência da Literatura/ Poética
Professor do Instituto Federal Fluminense – Campus Quissamã



“É meu desejo que a voz do contador de histórias nunca morra na África, que todas as crianças da África experimentem a maravilha dos livros e que nunca percam a capacidade de ampliar seu local de morada terrestre com a magia das histórias”.

Nelson Mandela

“A inexistência de referenciais históricos é ainda o melhor instrumento para aniquilar um povo e seu futuro, ou simplesmente dispersá-lo no exercício de funções secundárias dentro da cultura dominadora”.

Nei Lopes

“Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão”.

Conceição Evaristo

“Negro é a raiz da liberdade”.

Dona Ivone Lara

A escuta como exercício de compreender o outro, a outra, do seu próprio habitar, é “concretude” pelo seu caráter sagrado que instaura uma crise sem precedentes. Então, quais são as possíveis implicações desta crise? Indubitavelmente não se pode responder sem fazer um exercício de pensamento, no sentido de tentar se aproximar ao máximo da questão e com o vagar que lhe urge. É preciso saber de que percepção de escuta se investiga e os desdobramentos que advém desta ação. Neste sentido muitos pensamentos e perguntas podem surgir. E por esta razão perguntamos: como a escuta está presente em nosso meio? Quais são suas implicações com e em nossa vida cotidiana? E como ela atravessa as relações no trabalho? Qual seu reflexo nas instituições de pesquisas e de difusão de conhecimento? Considerando que as vias traçadas para colher, salvaguardar e pensar os conhecimentos foram e são as eurocêntricas. A partir do simples e preocupante fato de que à medida abalizadora sempre é dada por elas. Em outras palavras, as teorias e as metodologias só são validas ou obtém maior credibilidade quando passam pelo crivo ou pelo suporte de estudos de matrizes europeias que forçosamente tem a pretensão de dar conta de questões que são íntimas do terceiro mundo e que só a ele cabe uma teorização mais acurada.

O Brasil está inserido neste ideário terceiro mundista de raiz escravocrata que construiu o país e por este motivo limitador, nas suas mais diferentes formas. Escravocrata pelas razões que se sabe de modo superficial. Isto é, por não se ter dado a devida relevância ao passado para que se reinvente o futuro. Limitador por não termos a devida ousadia e irreverência para criarmos nossas próprias teorias e metodologias calcadas e cravadas em nosso próprio solo brasileiro de descendência africana e indígena, para dar conta dos nossos inúmeros entraves. E que põem questões de suma importância para que os afrodescendentes compreendam de que matrizes originam-se e quais são seus papéis de protagonistas na sociedade brasileira e mundial.

Esse protagonismo só virá a partir de uma compreensão da nossa realidade de brasileiras e brasileiros afrodescendentes, pois passa por um processo de escuta irremediavelmente fina que desencadeia pensamentos e que incide sobre o agir: políticas públicas e ações sociais concretas. Esse desencadear faz parte de um processo que pode ser pessoal, em grupo ou de diversas outras formas, de acordo com as especificidades de cada comunidade. Nestes casos o que conta é a ação para por um projeto em prática, considerando que este possui suas próprias exigências e identidade. A relevância do trabalho colaborativo de escuta, em casos como este, é que gera

respeito pelo que cada um escutou. Essa unidade na diversidade de pensamentos gera o novo. Sendo assim, os processos de pensar e de agir estão e são irremediavelmente afeitos ao legado africano e por sua vez comum aos nossos pretos e pretas velhas e as mulheres e aos homens negros. Eles estiveram e estão em constante processo de escuta. Guardam consigo a tradição afrodescendente, as religiões, humanidades, ciências, tecnologias e diversos outros meios de conhecimentos e saberes que os descendentes africanos nos concederam. Estão intimamente imbricados e respondem a perguntas que preocupam a quem educa, a alguns setores da sociedade e a quem está comprometido com a esperança de sermos uma nação da equidade no sentido mais pleno do termo.

A motivação deste trabalho é baseada em um exercício: um breve aprofundamento nas perguntas que foram feitas deliberadamente acima e entrar cuidadosamente na seara da escuta. Um legado afrodescendente que o povo negro, na figura dos “*Griots*” e de tantos outros remanescentes desta herança africana, usam-na nos diversos lugares e momentos de suas vidas. Um entrecruzar de lugar e tempo que se está lançado e inserido, independente de vontades e caprichos. Uma rede espacial que remonta ao vazio no qual não se dá conta, mas que dele tudo surge e ao tempo que não se vê, porém está presente indelevelmente no corpo curvo da anciã e do ancião através de um passado que não está morto. Felizmente, possui vozes que estão aí para serem ouvidas, escutadas e para visibilizar o que se desejou calcificar pela invisibilidade.

1- Instauração de crise(s) pela escuta

O modo como se aborda geralmente o objeto a ser pesquisado, fundamenta-se em uma lógica de exclusão. Não há lugar para dar atenção àquelas ou aqueles que são filhos da terra que carregam as vozes, a escuta e o modo de ser de seus ancestrais. Esse “*locus*”, esse habitar é intransponível. No sentido de que ninguém de fora tem como habitá-lo. Esse habitar, esse lugar, só pode ser caminhado e relatado, radicalmente, por aqueles que estão e vivem essa intimidade. Quando existe uma invasão desse lugar, sem estabelecer um diálogo existe o estranhamento e o afastamento de quem fala. E para que o diálogo exista, é preciso existir uma negociação discursiva, havendo-a outras possibilidades de escutas e falas são convidadas a coexistirem. Em outras palavras, quando o diálogo inexistente não embala a escuta para que mais escutas e

conhecimento possam ser proporcionados. É por isso que todo cuidado é preciso e é pouco. Quem chega precisa escutar e esperar o momento propício para dialogar. É importante lembrar que uma leitura prévia, como sugestão, deveria ser feita antes mesmo de se chegar à comunidade. Uma leitura do lugar e das pessoas no sentido de criar uma empatia é emblemática. Isto é, é preciso saber minimamente que mundo é este que se adentra. Na verdade a escuta já se pronuncia antes do “locus”. Antes mesmo de chegarmos é preciso fazer reflexões sobre a natureza do que será laborado e o que a nossa própria escuta nos diz do momento. Que leitura os pesquisadores estão fazendo destes momentos que antecedem a ida para qualquer lugar de escuta? São leituras superpostas em uma dinâmica dialogal. Uma vez que quem vai com a lente objetiva quer obter o produto, na maioria dos casos, sem atinar para a importância do que será dito espontaneamente. A voz vem da filha ou do filho da terra? Que intimidade é essa que os fazem possuir as prerrogativas de pertença. Sim, pertença. Pertence a eles e ninguém dentro da dicotomia tempo e lugar possui o direito de usurpá-la. Só resta aos interessados escutar e apurar seus modos de escuta e se entregar a ela atentamente.

No princípio, quando se mencionou exclusão referia-se aos poderes constituídos. O estado, as instituições assumem sempre o papel da não escuta. Principalmente em regiões do estado do Rio de Janeiro onde a tutela é comum e não existe espaço para o diálogo. A questão é esta e está posta: isso implica em que? Implica em liberdade, em outras palavras de cunho e de força renovadoras. As vozes começam a existir a partir do instante em que são ouvidas, ecoadas e daí podem ser materializadas em ações concretas. Essa gama de vozes e ecos ocorre em vários níveis e produzem questões. A partir de quem escuta, vê, dialoga, encanta-se e daí ocorre o reverbério, espalhando-se pela comunidade e pelo mundo.

Uma ou várias crises se instauram a partir do contato com outra ou com outro, porque estes trazem vozes que irão ficar lado a lado do que é dito pelo “Status quo”. De outro modo, o estado ou as instituições a guisa de conhecimento e aprendizagem só podem cumprir seus papéis mediante uma escuta dos problemas e das questões que são postas pela comunidade ou pelo lugar visitado. Isto se faz mediante a um respeito de escuta para com aqueles que são do ambiente e que conhecem suas particularidades, mazelas, abafamentos, questões e relevância histórica e cultural. A ditadura, a imposição de pensamentos e a restrição de viver e de ser o que são gerará crises. Estas gerarão conflitos e que em um crescendo provocará cerceamento do

tempo, do espaço local, privado e público: os membros de uma comunidade ficam com receio de frequentar lugares públicos, como escolas, clubes, tantos outros lugares. Ficam ilhados e confinados na sua própria comunidade ou não podem chegar nela quando saem. Um conjunto de chagas sociais que são refletidas na falta da terra, saúde, educação, habitação, pontos de compra de viveres e de transporte para se exercer o direito de ir e vir. Isto é insalubre e ocasiona vários danos que são quase imperceptíveis quando não se olha atentamente, tendendo a naturalização. E daí, a insalubridade que se conhece, e que já existe, revestida por meio da baixa estima, vergonha de se apresentar em lugares onde não residem. Medo de relacionar-se e de falar onde moram. Caso percebido por pesquisadores e professores do IFF- Quissamã com relação a jovens oriundos ou com parentescos no complexo de Machadinho, norte-fluminense do Rio de Janeiro.

2- Razão da crise da escuta

A prioridade é embotar-se: não examinar o cerne das questões. Fica-se sempre na superfície e contenta-se com isso. Não, a insatisfação deve existir e é ela que move o que está estagnado e desprovido de escuta. A escuta do ter prevalece nas relações dos modos mais canhestros possíveis. A moeda é exemplo simbólico que já invadiu os sentidos e naturalizou-se com sua corriqueira presença. A moeda é motivo de barganha e venda da dignidade. A dignidade, ao contrário, que deveria ser mote para mudança de pensamento e enxergar a profundidade histórica, social e identitária se invisibiliza em um quilombo, quando ele é cooptado. O que precisa ser visto é o que aparentemente vem pela via da naturalidade e cria uma mudança de percepção. Quando o sagrado da narrativa de uma mulher da comunidade não é respeitado o sentido de vida que move é perdido. Quando não se é visto ou escutado, o outro que provocou isto se afasta de si mesmo, perdendo o foco e a chance ter outra percepção. Quando não se é visto na sua humanidade: o exercício criativo de viver fica carente. Quando não se é o que é: o sentido é inexistente. Quando não nos damos à chance de nos reinventarmos algo se estabelece sem você perceber. Quando uma comunidade não é ouvida é violentada no que ela possui de mais nobre e sagrado: algo precioso se deteriora. O humano que existe ou que poderia existir nas relações ou que se pensa existir entra em colapso e aí uma crise se estabelece da forma mais sutil ou rude. Tanto a sutileza quanto a rudeza e a brutalidade desencadeiam situações para as crises acontecerem. Ninguém está livre delas: elas podem ocorrer das mais diversas formas: paralisando

uns, movendo outros, tornando os indiferentes ou criando situações inusitadas. Bom seria se ela levasse os envolvidos para um lugar de reflexão da questão e que pudessem estabelecer um diálogo sobre o que gerou a crise e o que seria feito. Já estaríamos dando um passo rumo a um possível entendimento.

3- De que escuta se fala?

Fala-se de uma escuta que tem a outra ou o outro, filhos da comunidade, como mais que atores dela. Não são representantes somente; não vivem aos auspícios da representação. Na realidade, eles são a comunidade trabalhando, relacionando-se, estudando, dançando, divertindo-se, jogando jongo, rezando, brincando, estudando e acionando sua sabedoria. Em outras palavras, se fazem assim e aglutinam-se assim devidos aos elementos que vigoram em sua cultura. A troca intercultural é intensa: em muitos casos não se dão conta do que ocorre. Pelo fato de ser tão natural cantar uma modinha, falar de tal modo peculiar ou até de se vestir. A cultura não é etérea: permeia os vasos capilares que se ligam em uma comunidade, vila de pescadores ou em sociedades estruturadas ou não. Ela, a cultura, possui um caráter de concretude sem corporeidade, porém se presentifica nos corpos de seus membros quando a comunidade dança, faz roda ou senta ao redor da fogueira para contar “causos” ou agradecer. Mesmo no silêncio ela está ali: insubstituível e viva.

Então, a escuta de que se fala empreende um caminhar, uma entrada no cerne da questão. Viver o que está posto e esperar. “Se não se espera, não se encontra o inesperado” é o que diz Heráclito em um de seus fragmentos. Esperar que a narrativa baseada no fazer do povo da terra e de seus ancestrais seja contada, cantada e articulada nas suas mais variadas formas. À medida que ela é dita as redes vão se formando. Um quadro vai sendo pintando, as redes vão se misturando com cores de diferentes matizes para terem uma forma, um corpo e uma alma. Elas se formam porque começam a dialogar com verdades muito íntimas e que dizem respeito ao humano que está e sempre estará dependendo do uso da escuta que se tem:

Tomemos a imagem-questão: rede/sociedade. Esta se constitui a partir de convivência de todos os seres humanos de uma comunidade. O limite externo diz respeito às relações que cada um mantém com os demais(as linhas da rede, sem as quais não há rede). Aí se forma um todo orgânico e coerente, ocorrendo uma dinâmica de influências muito grande e variada. Porém, esse limite ainda não é

tudo. Não há rede sem nós. Cada nó é um ser humano. E aí o que constitui cada um em relação à rede é o seu limite interno. Essa dinâmica interna é que constitui a sua essência, o que lhe é próprio. As relações externas só aparecem como incentivo e possibilidades de realização dos limites internos (CASTRO, 1982, p.5).

Desta rede que se forma, possibilidades de reflexões e de aberturas surgem. Cada nó, sendo um ser humano, corre o risco do novo ou do monótono, isto é do velho. Velho no sentido da não renovação e do obsoleto. Esse mesmo nó da rede pode se abrir como pode se fechar. Sem vislumbrar que o nó uma vez aberto, ele mesmo está do lado do vazio que se abre nesta mesma rede. E que cresce exponencialmente, à medida que vazios são encontrados. Na verdade, esses vazios da rede são justamente as diversas possibilidades que as relações da rede podem proporcionar no nível pessoal, privado ou público, chegando a um “ad infinitum”. Antes deste acionamento, desta escuta, acontece uma abertura para dentro da questão e daí vem a compreensão. No sentido de compreender, abraçar, conter em si, incluir e acenar para o diálogo. O encontro da escuta: um abarcamento que se traduz em concha ou acolhida. E daí outros pensamentos acontecem, abrindo outros horizontes, possibilidades, como dito antes, vendo mais claramente aquela realidade e até a sua própria de ser humano. É o Sagrado que surge desses encontros que a escuta doa: (uma) experiência extraordinária do que não está no âmbito da representação. Em síntese, a rede na qual se está possui caminhos de escuta, de descobertas e do encontro do novo. A rede seria uma metáfora das inúmeras relações que os seres humanos são acometidos em várias instâncias, circunstâncias dentro do diálogo tempo e espaço do qual não existe êxodo.

A escuta de que se fala não é da comunicação nas diversas mídias: nelas comunico algo, ou vendo algo, alguém compra, consome e o ciclo está formado. Não. O que se está se falando é de uma escuta que se abre em três naturalmente. A primeira implica na escuta do outro: que é um eu do outro lado e que esta na presença de um eu ou de outros eus. A segunda é o desafio da auto-escuta, isto é, ao mesmo tempo em que escutamos, nos escutamos nos levando a nós mesmos: mistério de cada um. A terceira nos lança no silêncio revelador da linguagem. Linguagem aqui compreendida como aquela que vai além de um sistema gramatical. Aquela que se diz antes da palavra balbuciada. Aquilo que a mãe compreende no bebe antes dele falar. É o que não vem só com as palavras: a linguagem se presentifica antes de qualquer código. Para Manuel de Castro, voltando ao diálogo sobre isto, diz “Só então a voz e apelo do ser advém e a ESCUTA se dá. É o

acontecer do extra-ordinário”, em outras palavras: é o acontecer do Sagrado. E que não corresponde ao religioso dos muitos frios templos. O que se diz aqui é que ocorre um diálogo e em consequência disso uma aprendizagem surge: o que não se pode ensinar, mas sim vivenciar; e isso é cordial, salutar e é se reinventar: o novo se esconde nesta presença. É a escuta que se dá quando a abertura acontece; isto é, se faz preciso uma predisposição para que a concretude desta ação ocorra e que está diametralmente em oposição a algo de cunho subjetivo.

4- A presença da escuta em nosso meio

A impossibilidade da escuta na vida pessoal, na vida das instituições de ensino e conseqüentemente na difusão de conhecimento, implica na convivência de ruídos e barulhos dos mais sofisticados e estapafúrdios, até aos mais sutis, metaforicamente falando. Na realidade a não escuta provocada por eles, para resumir, vai atingir a todos. O que vai diferenciar vai ser o grau de consciência do que vem a ser uma escuta: a que serve para oprimir, anular ou para libertar, quem quer que seja e onde quer que seja. Em outros termos, dar condição ao outro ou a outra para que eles sigam o caminho que lhes são próprios e não serem cooptados via pensamento para serem o que não são.

A questão começa a agravar-se quando se aprofunda, para desespero das ditaduras, em outras palavras, aquelas do dizer duro, anti-democrático, homofóbico, excludente no sentido mais abrangente do termo. Sua presença se estende do espaço público ao privado da forma mais integral e concreta. Então, voltando ao ponto, o binômio opressão e liberdade se confrontam. Só que isto sai do binarismo e entra na seara da terceira margem. Tomando o rio como metáfora, é possível dizer que suas duas margens, que são fixas aparentemente, estão sujeitas a intemperes, pois limitam o curso do rio margeando-o. Sim, outra vez usando a metáfora, as margens são a segurança daqueles que querem segurança a qualquer custo. E não medem esforços para fazê-lo, mesmo a custas de comprometer um plano de ensino ou estudo que poderia beneficiar a muitos. As águas do rio contém o mistério. Não se sabe a quantidade de peixe que nele existe. O nível de poluição existente a ser tratado. Sua profundidade e se é navegável ou se precisa de um estudo aprofundado sobre a quantidade de metais pesados presentes nele. Quantas informações para serem levantadas, quantos mistérios presentes em um único rio? Imaginemos em termos

quantitativo e qualitativo o que se pode obter de conhecimentos sobre rios como o Nilo, o Amazonas e os Oceanos Atlântico e Pacífico?

Só as águas que correm no rio, assim como sua geologia e geografia, implicam em desconhecimentos. Estes implicam em entrar no mérito de buscar o conhecimento que está submerso e que sem dúvida vão trazer contribuições importantes. E que qualquer pesquisador ousado e aberto para as questões teria o desejo de pesquisá-lo. Daí, quando pensamos que suas margens podem sofrer assoreamento, rupturas ou mudanças de percurso, cae-se no incontrolável e no inesperado. Em outras palavras, a realidade daquele rio de margens simples se abre de tal forma que um novo horizonte de possibilidades teóricas e práticas advém dele.

É disso que falta na vida em geral e conseqüentemente nas instituições de ensino. O ousar, o caminhar. Fazer o caminho, o método, enquanto se labora, implica também a uma abertura para escutar o outro e dialogar. Pois isso traz escutas, escutas que nos desafiam e que nos fazem compreender quem somos e para onde estamos indo. É um auto-conhecimento em meio ao lusco-fusco da vida em suas mais variadas situações e riscos. Esse movimento pressupõe sair do lugar de conforto e entrar no âmbito do agir.

A institucionalização do pensamento desencadeia também não escutas: ruídos e barulhos que invisibilizam o livre pensar, a criatividade. Isso implica em desencadear atos de responsabilidades: assumir o que se faz, a razão de vivermos, trabalharmos e viver com a consciência de si e de outros. A atenção para o si mesmo é que é condição para nos compreendermos como pessoa e daí conviver com outros em prol de projetos e iniciativas que nos restitua sempre aquilo que nos é próprio, respeitando as diversidades de pensamentos. E não o contrario. Por esta razão é que não basta uma parte do conhecimento. Goethe diz que “O fazer da ciência é apenas a metade do fazer”. Escutar implica em um trabalho de abertura e de “cuidamento”. Em outras palavras, cuidar é preciso e é justamente disto que nos afastamos. É preciso ler o mundo através da possibilidade da escuta, que provoca uma radicalidade. Ler, radicalmente, é construir pontes das mais diversas e quase impossíveis de serem feitas. Também é compreender o mundo não somente pelos cálculos das ciências exatas, mas também como sintaxe-poética. Uma ordem outra que não se concentra na ordem, propriamente dita, mais no que pode ser e não pode ser. O rio é paradigmático neste aspecto: quando o olhamos parece uma coisa, mas quando o conhecemos internamente tudo se mostra outro. Neste sentido, não há nada

de fantasioso e vulgar nisto, mas de verdadeiro. E é aí que a questão do enigmático começa a ser respondida. Dizer isto não implica em que se obterá uma resposta definitiva: é um começo. As respostas podem se fechar hoje por intermédio de conceitos e definições, porém amanhã se abrem trazendo outros modos de pensar as questões que surgem das mais variadas formas e impregnadas de ruídos, dúvidas e riscos.

5- A encruzilhada lugar e tempo no caminho da escuta

Não é novidade alguma lembrar que se vive dentro de dois horizontes intransponíveis; queira-se ou não: as dimensões de tempo e lugar, inquestionavelmente estabelecidas onde quer que se vá, permeiam as vidas dos humanos de todo modo. Pela própria rotina do dia a dia e as inúmeras ocupações e compromissos que se tem. Na maioria das vezes, não fica tão evidente o quanto se está imerso nelas e não se dá conta da radicalidade que significam, chegando até a um dito esquecimento de estar dentro deste círculo do mostrador do relógio. Um trabalho repetitivo em uma indústria ou quando um jogo não acaba, quando não se pode dar a chance do oponente empatar ou ganhar, se tem a noção do que isso significa. Até então, ainda não se pode perceber o efeito do tempo e do lugar nas vidas de qualquer pessoa de forma tão indelével. Ao se cuidar, quando se aprofunda nelas, por meio do pensar é que se consegue perceber, com mais acuidade seus reflexos e presença na vida, a despeito de estarem tão presentes em todos os afazeres. A marca do tempo se dá na pessoa através do feto com seu crescimento, no nascimento, nos vários percursos da vida, desde a infância, até a vida adulta se estendendo à velhice. As marcas são insubstituíveis aparecem como marcas deste mesmo tempo que nos trouxe para um lugar e que nos acompanha enquanto restar vida. A sua marca é sem precedentes. Atinge aqueles que o carregam através de suas marcas no corpo de modo inquestionável. Deixa sabedoria, escutas e percepções diversas como acompanhamento, como também pode deixar as sequelas dele próprio ou embotamento. Ele age no corpo, na matéria, sem piedade, cuja história de vida desse homem ou mulher o carrega, por sua vez e que está em um lugar, geograficamente dizendo. Este lugar interage com o tempo. E é neste lugar que algumas formas de diálogo podem ocorrer. E isto se dá na dicotomia tempo e lugar. Quando isto acontece uma dimensão se instaura: novas respostas, mitigações e outros modos de ver os problemas podem ser vislumbrados. No caso da fazenda

Machadinha, como em outras localidades esses cruzamentos proporcionam as respostas que servirão para uma ação comunitária.

A radicalidade de tempo e lugar dialoga com as escutas, nas quais foram mencionadas ao longo desta reflexão. Isto é, por meio da geografia, dos lugares, que estão intimamente ligados às comunidades e a outros tantos ambientes de participação dos cidadãos, se junta ao tempo. Ele é o regulador de nossas atividades cotidianas, no universo do trabalho, das ações políticas, educacionais, estudado pela Física, não obstante também é aquele de instauração da escuta como possibilidade do extraordinário acontecer. Tempo, lugar e escuta se unem para outro tempo, lugar e escuta acontecerem sucessivamente.

6- A radicalidade da escuta afrodescendente

A particularidade de passar uma história de vida, histórias e mitos, presentes na vida dos africanos, é característica marcante do povo africano e seus descendentes. Escuta, oralidade, interstícios, silêncio e diálogos entrelaçam-se, em torno das mães, dos pais, das avós e avôs. Homens e mulheres que possuem e que possuíam a missão de passar de uma geração para outra o legado, os conhecimentos adquiridos ao longo da vida de uma determinada comunidade, vila, cidade, país ou nação. Os entrelaçamentos são muitos, simples e complexos e que se estenderam até os dias de hoje no Rio de Janeiro, no norte de seu estado, em muitas outras regiões e por todo o Brasil. Esta dinâmica nomeada de escuta, veio para o Brasil e para outros países que compreendem a diáspora, permanecendo até os dias de hoje. A tecnologia utilizada era essa, guardando o sentido de técnica no que diz respeito a seu significado originário e profundo, que dialoga com o sentido de arte, estudo e com a lide diária. Para John James “a tradição dos *griots* provou ser marcadamente resistente no oeste da África, sete séculos depois de seu começo durante o império Malinke que se estendeu do Senegal dos tempos modernos até Timbuktu e Gao, no Mali, também incluindo partes da Costa do Marfim”. Além deste espírito de permanência é importante meditar no que James acrescenta: “Os *griots* eram conselheiros da corte, contadores de história, músicos e cantores consagrados oriundos de cinco famílias líderes”.

Deste modo, os conhecimentos, as experiências e sabedoria eram e são partilhados com os mais novos e com os já anciãos da terra, De novo, tudo sendo feito através de um dizer

que implica em uma escuta e um diálogo. A escrita em muitos dos casos não existia, em outros casos sim, como no Egito e em outros países de origem africana. A questão é que o legado da escrita já remonta a um tempo anterior ao de Heráclito e que por sua vez traz um cruzamento de tempo antes dos pré-socráticos e de lugar, assim dizendo, que remonta as terras anteriores à Grécia: neste sentido tempo e lugar pela sua radicalidade nos fala muito de escuta, tanto pelo aspecto do tempo quanto pelo do lugar. Implica em se ter a noção de que Heráclito indica tempo e de Grécia lugar. O diretor cinematográfico senegalês, Djibril Diop Mambéty, disse que “a palavra *griot* (...) é a palavra pela qual traduz o papel que o cineasta tem na sociedade... o *griot* é o mensageiro de um tempo, um visionário e o criador do futuro.” Neste caso, a escuta também é a possibilidade do *griot* subsistir. E nesta dimensão fica sendo a possibilidade de algo radicalmente diferente acontecer:

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engradeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser. (Evaristo, Conceição, 2003, p.131).

“A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo”, é o que diz Conceição Evaristo, dialogando com as enormes possibilidades que a escuta, as narrativas e com o papel dos filhos da comunidade possuem para restituir a eles tudo aquilo que lhes é próprio por merecimento. Além disso, reorientá-los para os novos desafios que surgem e como Evaristo diz “... ajudar a construir a história dos seus”. Histórias estas que só ocorrem no entrecruzamento de tempo e lugar que se dá na vida. A vida é esse horizonte em que a escuta se dá por meio das infinitas leituras que vão além do texto formal e se embrenha por infinitas outras formas de ler a realidade.

7- O caráter extraordinário e revolucionário da escuta afrodescendente

O caráter nada formal do exercício de escuta pode parecer descompromissado e sem rigor: muito pelo contrário. O compromisso que se instaura é de foro íntimo, sentido e, por conseguinte, de consciência. Quando um dito *griot* diz algo que é de suprema importância para sua comunidade, isto afeta profundamente a quem está na condição de escuta. Ao fazer pensar quem escuta, já foi cumprida parte de seu trabalho. Já houve um movimento. Isto vai gerar trocas de informações e que possivelmente gerará diálogo, gerando diálogo pela via da tentativa, gerará acertos e erros e alguma ação concreta virá.

A potência da escuta não se sustenta em falácias e nem em artificialismos: ela se consolida dentro da comunidade. Nos anseios que são de dentro dela e não produzidos de fora. É preciso ter clareza para ver a profundidade disto. Os membros da comunidade partem de uma ação consensual. Esta é a liga que faz e que sustenta o discurso. Existe consenso. Existe uma percepção que todos ali estão respirando os mesmos ares, ou pelo menos deveria haver. Possuem os mesmos problemas, porém respondem de forma diferente um dos outros. E é por isto que de certo modo escrevem seu futuro e materializam-no à proporção que o discutem e vivem-no.

8- Considerações finais

Nesta breve introdução sobre escuta, tentou se examinar algumas facetas desta ação. Escutar é, de certo modo, acionar gestos, atitudes e modos de ver a realidade não convencionalmente. Isto implica em adentrar caminhos que a convenção, o pré-estabelecido e os comportamentos rotineiros não suportam. Não suportam porque não possui um suporte no que está institucionalizado. A escuta traz tanto para quem escuta como para quem fala da berlinda. A verdade do que se está falando vem à tona naturalmente quando o diálogo existe. Então, para quem quer dominar o discurso a todo custo por meio da dita-dura, nada obtém, pois isso é manipular, controlar o incontrolável. O que advém da escuta é o que existe de proximidade da realidade, da situação a qual se escuta. É precioso estar atento para todo esse processo que começa muito antes. Como foi dito anteriormente, antes de se escutar, cria-se uma expectativa com o que se vai escutar. E daí é importante não adestrar a escuta e sim recebê-la com suas



Revista África e Africanidades - Ano 9 – n. 21 , jan-abr. 2016 – ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br

palavras, silêncios, intervalos, gestos e inovação. O uso da escuta apropriadamente pode levar ao risco de se ver a realidade da forma que uma comunidade ou quem quer que seja veja questões relevantes para eles: e isso é animador em termos de possibilidades para adentrar nas várias verdades das questões.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Manuel Antônio de. **O acontecer poético: a história literária**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- CÁRDENAS, Teresa. **Cachorro velho**. Rio de Janeiro : Pallas, 2010.
- COLINA, Paulo (Org.). **Antologia contemporânea da poesia negra brasileira**. S.Paulo: Global Editora, 1982.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2013.
- _____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte : Mazza, 2003.
- JAMES, George G.M. **Stolen Legacy: greek philosophy is stolen egyptian philosophy**. New York: Philosophical Library, 1954.
- LOPES, Nei. **Rio negro: 50**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MOUTINHO, Ronaldo Só. **Quando samba e jazz dialogam acontecem caminhos poéticos doados a Cartola e Ellison?** Tese (Doutorado em Letras – Ciência da Literatura – Poética) Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- NELSON, Mandela (Org.). **Meus contos africanos**. Martins Fontes: São Paulo, 2009.
- NOGUEIRA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro : Pallas, 2014.
- ONAWALE, Lande. **O vento**. Salvador: Ed. do Autor, 2003.
- PORTELLA, Eduardo. **Fundamento da investigação literária**. 2. ed. rev. Fortaleza: UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **Saber do negro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- SEMOG, Éle.; NASCIMENTO, Abdias. **O griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.